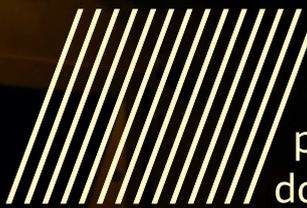




OSMAR
GONÇALVES

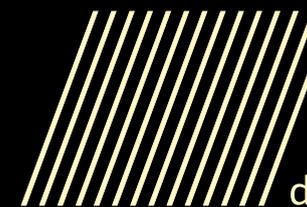


o encantamento
do mundo
pelas grandezas
do ínfimo



Recife, 2024

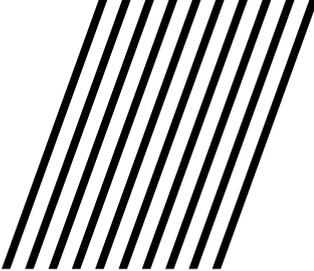
OSMAR
GONÇALVES



o encantamento
do mundo
pelas grandezas
do ínfimo

Catarina Andrade
Marcel Vieira
Nina Velasco (orgs.)





//// APRESENTAÇÃO

Querido Osmar,

Este livro, que reúne algumas de suas fotos e de seus textos, parte de um desejo de honrar o que você nos deixou enquanto fotógrafo, professor, pesquisador e, sobretudo, enquanto pessoa. Organizamos este fotolivro a partir das séries que você havia montado no seu site em construção. Incluímos as sete séries que já estavam com seu texto pronto e acrescentamos pequenos textos/homenagens de pessoas que estiveram próximas a você. Pessoas que, de alguma forma, puderam compartilhar a experiência dessa aventura que é percorrer o pensamento e a imaginação de alguém que os entrega com generosidade. Como mapas ou pedaços de um mapa que precisamos reconstruir.

Foi no mundo acadêmico que nos conhecemos; de diferentes formas, tempos e intensidades, tivemos o privilégio de lhe chamar de colega e amigo. Toda partida é, a seu modo, inexplicável para quem fica. E uma partida tão precoce como a sua nos coloca diante da urgência da vida. De pensar sobre o que

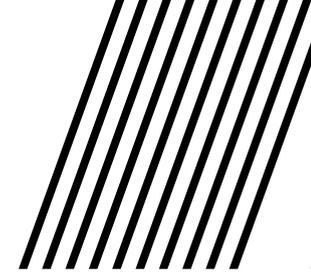
fazemos, como fazemos, quem somos, quem queremos ser. Uma partida assim nos convoca ao presente, a não deixar para depois o exercício de ser feliz. Uma despedida que nos compele a acolher o presente como o melhor da vida, pois é nele que a gente se encontra, constroi laços, dá as mãos, conforta, contagia.

Era no presente, e na presença - mesmo que essa presença acontecesse na distância física, por meio de mensagens, por exemplo -, que você sempre esteve lá. Você olhava para as pessoas, as escutava genuinamente, e se deixava ver também. Temos certeza de que quem teve a oportunidade de conversar com você nunca esquecerá sua atenção, ternura e delicadeza. É essa partilha de olhar que você segue nos presenteando nas fotos aqui reunidas.

Viveiros de Castro nos diz que "o tempo está fora do eixo". Aqui, vivemos a catástrofe da ideia de humanidade, e, no entanto,

*"Saber existir nos extremos como
levando dentro a brasa
que se reacende a qualquer tempo".*

JOÃO CABRAL DE MELO NETO



Osmar Gonçalves: Afeto, narrativas e sensações nas imagens contemporâneas

ANTONIO FATORELLI
NINA VELASCO

vislumbramos ainda lampejos de outras formas de estar no mundo, de ser no mundo. Se o medo, a angústia e a tristeza são tão contagiosos, alguns de nós ainda buscam como antídoto o amor como tônica da vida, e tentamos criar mecanismos de nos contaminar com a alegria que surge dos encontros. Nesse turbilhão da vida, aprendemos com você a recuperar o “encantamento nas grandezas do ínfimo”, destinando o olhar para a luz que pode emergir das sombras. Seu legado imagético, seu olhar sobre o mundo - que tentamos reunir um pouco neste livro - nos inspira a olhar com encantamento e beleza para a vida em sua dimensão mais profunda.

E, se estamos profundamente tristes com o fato de termos de nos despedir de você, é porque só temos a lhe agradecer por tudo o que você é e pelo que nos proporcionou durante nossa convivência. Terminamos essa carta póstuma, com um trecho de *Água viva*, em que Clarice Lispector nos desafia a experimentar a vida sem a culpa da felicidade:

“Porque é cruel demais saber que a vida é única e que não temos como garantia senão a fé nas trevas - porque é cruel demais, então respondo com a pureza de uma alegria indomável. Recuso-me a ficar triste. Sejamos alegres. Quem não tiver medo de ficar alegre e experimentar uma só vez sequer a alegria doida e profunda terá o melhor da verdade”.

Sentiremos sempre saudades.

Com carinho.

Catarina, Marcel e Nina.

Recife e João Pessoa,
3 de setembro de 2024.

Como abordar uma trajetória de pesquisa interrompida tão precocemente? Como falar de um amigo que nos deixou há tão pouco tempo, descontinuando a contribuição deixada por ele para a área de conhecimento da qual fazemos parte? Acreditamos que só conseguiremos enfrentar esse desafio se aceitarmos o fato de que esses dois aspectos – o afetivo e o intelectual – sempre andaram juntos, também na vida e no trabalho de Osmar Gonçalves. Afinal, não há pensamento sem paixão, não há arte sem emoção, e não se faz pesquisa sem que se construa também uma rede de relações e afinidades. É do lugar ocupado nessa rede que iremos falar, sem necessariamente tangenciar todas as singularidades do profissional múltiplo que Osmar foi: pesquisador, professor, orientador, membro de comissões, avaliador de prêmios, coordenador, gestor e fotógrafo. Começaremos, assim, do primeiro ponto de contato que nos ligou, o Seminário Temático da Socine “Cinema como arte, e vice-versa”, coordenado em seu primeiro triênio por Susana Dobar, Antonio Fatorelli, Rubens Machado Júnior e Luiz Cláudio Costa. Logo nos primeiros anos do ST, em 2011, Osmar Gonçalves apresentou o texto “Dos sentidos ao sentir: a narrativa sensorial de Cao Guimarães”. Tratava-se de uma parte da pesquisa maior que ele vinha desenvolvendo no Instituto de Cultura e Arte da UFC, voltada para “uma série de trabalhos (filmes, vídeos e instalações) que, embora distintos em suas temáticas, compartilham procedimentos, técnicas e abordagens similares”, apresentando “uma grande economia e delicadeza nos modos de filmar, que dispensam uma atenção especial ao micro e ao banal (aos pequenos eventos que emergem nas cenas) e que tendem, acima de tudo, a valorizar a imagem nela mesma, (...) independentemente de uma história ou de uma estrutura narrativa que a motive”¹. Aqui já sobressaltava uma perspectiva ao mesmo tempo sensível e renovada em relação às produções

¹ Trecho do resumo expandido do trabalho “Dos sentidos ao sentir: a narrativa sensorial de Cao Guimarães” disponível em: https://associado.socine.org.br/anais/2011/11802/osmar_goncalves_dos_reis_filho/dos_sentidos_ao_sentir_a_narrativa_sensorial_de_cao_guimaraes

audiovisuais contemporâneas, que se propunha a ir além dos debates clássicos do campo do cinema, muitas vezes apoiados na clássica separação entre seu aspecto narrativo/representativo e suas qualidades formais/imagéticas. Valorizar a imagem nela mesma, permanecendo sensível a seu potencial narrativo, aos detalhes, ao micro, aos pequenos eventos. Era isso também que muitos de nós, reunidos naquele seminário, vínhamos buscando, cada um à sua maneira, com objetos e ênfases distintos.

A seguir, nossos encontros passaram a ser anuais, sempre no ST Cinema como Arte, até sua renovação para o triênio de 2015, com uma nova ementa, escrita a diversas mãos, fruto de intensas trocas virtuais de textos e ideias, passando a se chamar “Interseções Cinema e Arte” e a ser coordenado por Osmar Gonçalves, Eduardo de Jesus e Nina Velasco. O ST pretendia, nesse momento, “fomentar reflexões, análises e diálogos em torno dos atravessamentos entre o domínio

da imagem em movimento e a arte, assumindo a chamada condição pós-mídia (Rosalind Krauss) na qual os suportes, apesar de importantes pelas materialidades e especificidades, não definem um campo de ação, tampouco gêneros ou formatos²”, ampliando ainda mais os possíveis objetos de estudo para o campo híbrido que acreditamos ser o da imagem contemporânea.

Esse campo diverso e aberto, de inúmeras intersecções, estendia-se, além do audiovisual, igualmente ao âmbito da fotografia, que naquele momento ocupava um importante lugar nas reflexões que nos uniam. A fotografia e sua relação com a experiência urbana foi objeto da pesquisa de Osmar, desenvolvida entre 2010 e 2013, tendo organizado, com Susana Dobal, o livro “Fotografia Contemporânea: fronteiras e transgressões”, em 2013. Desde 2016, Osmar passa a desenvolver projetos de pesquisa em torno da fotografia contemporânea na América Latina. Para além dos encontros da Socine,

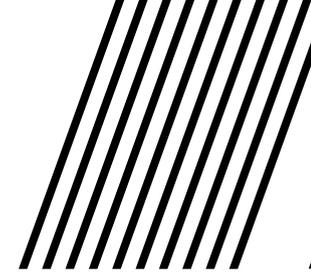
nossa rede se expandiu em encontros como o Festival Foto em Pauta (Tiradentes, MG) em 2018 e 2019, e em publicações organizadas pelo grupo de pesquisa Fotografia, Imagem e Pensamento, liderado por Antonio Fatorelli.

Em 2017, na reunião do conselho da Compós, foi anunciado que haveria um aumento do número de grupos de trabalho do congresso anual da entidade. Osmar percebeu que era o momento de juntar forças para a criação da proposta de um novo GT que pudesse agregar as pesquisas desenvolvidas por diversos pesquisadores, ainda sem contar com um espaço exclusivo entre os grupos até então existentes. Nos reunimos, neste momento, com mais alguns colegas (a maioria também participantes do ST da Socine) em um diálogo profícuo que resultou na redação da ementa, posteriormente aprovada em 2018, do GT Comunicação, Arte e Tecnologias da Imagem. Como o resumo descritivo do GT aponta, a intenção do grupo é instituir um espaço para “refletir sobre passagens, atravessamentos

e contaminações entre os campos da comunicação, da arte e das diversas tecnologias de produção e circulação da imagem em um panorama de agenciamentos políticos, históricos, estéticos e tecnológicos”. Osmar coordenou o GT em 2019, juntamente com Nina Velasco, afastando-se a seguir para assumir o cargo na diretoria da entidade, em 2020. Em 2022, foi eleito tesoureiro da diretoria da SOCINE, reassumindo a coordenação do GT Comunicação, Arte e Tecnologias da Imagem, na Compós. Neste mesmo ano recebe uma bolsa Fullbright para desenvolver o projeto de pesquisa “A encenação na fotografia latino-americana: montando cenas e contando histórias” como professor visitante na New York University.

Esse esboço é um breve retrato do que consideramos uma das mais marcantes características de Osmar Gonçalves: sua capacidade de conectar pessoas, criar projetos coletivos, trabalhar em redes de pensamento e nunca deixar de lado o afeto implicado nessas

² Trecho da ementa do ST Interseções Cinema e Arte, disponível em: [Seminários Temáticos para o biênio 2015-2017 | SOCINE](#)



A sobrevivência do vagalume

SUSANA DOBAL

tarefas. Como podemos observar nas fotografias que integram esse catálogo e também nos pequenos textos que as acompanham, a delicadeza, os pequenos gestos, a sutileza e a importância ao ínfimo constituem a marca de seu olhar e singularizam sua abordagem às imagens contemporâneas.

Estávamos certa vez à noite em um café em Brasília quando vi um rosto que parecia familiar, supostamente de um amigo que não morava na cidade. Foi há um tempo atrás, época dos anos sombrios recentes em que assistimos ao *boom* das *fake news* no reino da política e percebemos perplexos como as pessoas acreditavam em absurdos baseadas no que já estavam predispostas a crer em um Brasil polarizado entre esquerda e extrema direita. Fiquei então divagando que assim como as crenças políticas levavam a interpretações equivocadas, também a percepção dos rostos nos levava a reconhecer pessoas que nos eram familiares na aparência de desconhecidos. A conversa na mesa foi para outro lado e de repente fui surpreendida com um chamado: "Susana!" A amiga na minha mesa logo indagou: "Quem é esse príncipe?" A probabilidade era pouca, mas eu não estava enganada: era mesmo o Osmar. A minha amiga tampouco se enganou, era mesmo um príncipe, ainda que ela

só se baseasse em uma olhadinha rápida e a palavra carregue conotações suspeitas: quem pode ainda falar de príncipe a essa altura da vida? Com o Osmar isso era possível.

Em um texto crítico, ao se referir ao *flâneur*, Osmar Gonçalves o chamou de "príncipe das ruas", para em seguida explicar que se tratava de alguém que saberia menos se orientar na cidade do que se perder nela, como quem se perde em uma floresta, conforme citação do Walter Benjamin. O que permite que a palavra seja utilizada para qualificar o Osmar não era só a presença terna e a elegância principesca dele, mas a maneira sutil de se desviar dos caminhos mais convencionais – um príncipe ainda possível tem que saber lidar mais com a imperfeição do que com a perfeição. Na cidade, certamente ele preferiria se perder, assim como no seu pensamento crítico sobre a fotografia, ele achou um rumo próprio guiando-se pelos autores colecionados no seu percurso que inclui a pós-graduação

na UFMG e a passagem pela Bauhaus Universität, em Weimar, na Alemanha. Além dos autores de textos críticos sobre as obras dos fotógrafos brasileiros que tratou nos seus artigos, as preferências do Osmar eram principalmente por autores franceses e alemães, como Jacques Rancière, Michel de Certeau, André Rouillé, Walter Benjamin, Friedrich Schiller e o tcheco-brasileiro Vilém Flusser. Foi com esses autores que ele se guiou para desvendar os mecanismos da fotografia contemporânea brasileira, o gosto pelo lúdico, a impossibilidade de se pensar ainda uma fotografia que meramente registrasse a realidade e não a produzisse. Por meio desses teóricos, ele contextualizou e deu densidade à fotografia brasileira, seja de nomes nacionais consagrados, seja de fotógrafos atuantes no Ceará, onde morava. Nos seus artigos, ele procurou desvendar como a estética e a política se combinavam por meio de imagens fotográficas, revelando um olhar atento para as produções locais e nacionais,

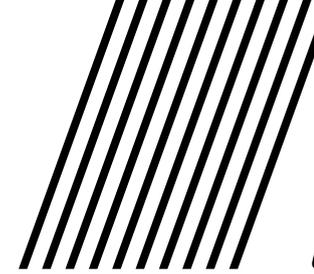
e fazendo as conexões que mostravam tanto uma coerência entre elas quanto um engajamento inventivo com o mundo.

Quando em 2019, o Osmar ganhou o primeiro lugar no *Prix Photo Aliança Francesa*, as imagens do ensaio fotográfico dele pareciam a consequência das preocupações presentes nos seus artigos. Em um dos seus textos críticos, por exemplo, ele tratou do ensaio *Gente no Centro*, de Silas de Paula, que mostra o trabalho dos ambulantes no caos urbano do centro de Fortaleza. Para isso, ele traçou um breve panorama das representações da cidade na história da fotografia local, e situou o ensaio perante outras produções contemporâneas. O olhar do crítico atento ao mundo em volta, à estética e à consciência social do ensaio analisado vai se refletir nas fotos noturnas que ele fez de ambulantes na América Latina. O ensaio fotográfico *A Sobrevivência dos Vagalumes* mostra em pequenos clarões nas calçadas urbanas os panelões, os frascos de ketchup, as bananas penduradas, os

fragmentos dos corpos que ora preparam os alimentos, ora se alimentam, ora passam, ora esperam. Aquele pipocar de silhuetas na noite fala de uma realidade bem conhecida por todos nós. Os ambulantes e seus clientes avistados na penumbra entre os carros circulando em noites banais apontam para uma situação econômica que tem peso na América Latina, ainda que fora das rotas previstas para o desenvolvimento urbano. Esse era o Osmar que sabia se perder nas ruas e detectar vagalumes inusitados, tal qual um bom *flâneur*. Assim como ele gostava de detectar na obra dos outros, conseguiu ali unir a forma estética a uma questão social.

Além da preocupação com os mecanismos lúdicos da fotografia contemporânea e das implicações que uniam a estética e a política nesse jogo, ao escolher a obra do Alexandre Sequeira em um texto crítico, o Osmar estava interessado no protocolo

inventado pelo artista para destacar a arte do encontro e dos afetos. Já ao falar do ensaio do fotográfico do Silas de Paula em outro artigo, novamente ele se refere a “um dispositivo de encontro e (re)descoberta da cidade” que bem poderia ser um comentário sobre o seu próprio ensaio premiado – afinal, assim como absorvemos os autores lidos, assimilamos e transformamos também os fotógrafos que admiramos. O afeto difuso que ele via na obra dos fotógrafos, ele também demonstrava no convívio acadêmico. Organizei um colóquio em Brasília e o livro *Fotografia Contemporânea – Fronteiras e transgressões* (2013) com o Osmar Gonçalves, ele em Fortaleza, na UFC e eu em Brasília, na UnB. Apesar da distância e da vida tumultuada por uma miríade de demandas, o Osmar tinha a rara capacidade de responder rapidamente às inúmeras mensagens e resolver as tantas questões que se apresentam nesse tipo de empreitada. Foi um colega surpreendente também pela eficiência e calma. Nós nos



O Coração na Mesa do Bar

SILAS DE PAULA

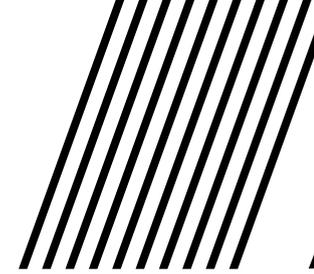
comunicamos poucas vezes depois do livro, mas era uma daquelas amizades que não precisam de reforço. Em novembro do ano passado, trocamos mensagens sobre o último encontro da Socine, a bancada evangélica no Congresso, as perspectivas dele pela frente, que ele via com otimismo. Em janeiro nos desejamos Feliz 2024 e ele deixou uma mensagem em áudio: “Saudades de você, vamos ver se a gente emplaca um projeto no ano que vem, se tudo der certo. Um grande beijo, boa semana pra você, tudo de bom!” Eu desejei coragem e saúde, confirmei a vontade de embarcar em algum projeto e um mês depois fui surpreendida pela trágica notícia de que ele tinha falecido. Recapitulando os escritos do Osmar e o encontro remoto e fugaz à noite no café em Brasília, eu me dou conta que aquele foi um príncipe urbano que veio nos lembrar de vagalumear pela vida. Mas faltou eu dizer: “Saudades de você também!” – dói o atraso dessa resposta.

Em momentos de tristeza e perda, somos confrontados com a inevitabilidade de nossa própria finitude, revelando a fragilidade da vida em cada fissura e imperfeição. Nesses instantes, a existência nos impõe uma reflexão sobre o que realmente importa, nos instigando a encontrar sentido no transitório e a valorizar aquilo que nos conecta ao outro. A amizade, então, surge como um farol nas sombras, iluminando a alma e nos lembrando de que, mesmo nos dias mais sombrios, há beleza e alegria na simples partilha de momentos e emoções.

A lembrança do Osmar, com sua alegria serena, evoca em mim memórias vívidas dos tempos em que passei nas salas de aula, antes da vida me desviar para outros caminhos. Há alguns anos me afastei da universidade, e com o tempo, algo em mim se tornou estranho ao antigo hábito de expor e compartilhar meus pensamentos, como se a vocação docente que um dia me habitou estivesse agora coberta por uma camada

de ferrugem. Ao tentar escrever sobre essa perda, percebo que as palavras que busco não fluem naturalmente. Gostaria de me expressar com o coração, mas para isso seria necessário colocá-lo sobre a mesa de um bar, onde tantas vezes me encontrei com Osmar. Foi ali, entre copos e conversas, que meu coração se abria sem reservas, e a ferrugem que me tomava parecia dissolver-se na companhia de um amigo que compreendia cada silêncio, cada olhar. Osmar possuía esse dom de transformar qualquer ambiente em um espaço de verdade e acolhimento, onde a vida, por mais frágil que fosse, sempre encontrava um motivo para se renovar.

Atualmente, em um Brasil e um mundo marcados pela polarização e pelo isolamento, essa verdade ressoa, ainda, com mais força. A solidão que experimentamos não resulta da falta de companhia, mas da dificuldade de encontrar no outro a compreensão que nos une. Entretanto, mesmo



Ao Osmar, pelas horas de descuido

GABRIELA REINALDO

envolto na tristeza, procuro celebrar a conexão humana que a amizade com Osmar tão vividamente encarnou. É um lembrete de que, apesar das adversidades, sempre há espaço para a gratidão pelas relações que nos moldam e pelas marcas indeléveis que, pessoas como ele, deixam em nossas vidas.

Nasci na metade do século XX, uma época em que sonhar com um futuro brilhante era mais do que uma possibilidade; era uma certeza. Hoje, enfrentamos uma realidade que nos empurra para distopias avassaladoras e o que vejo ao meu redor me assusta. É como se estivéssemos à beira de um abismo, em um tempo de raiva e ansiedade, observando um futuro que se afasta cada vez mais dos sonhos que um dia alimentamos. Diante desses desafios, torna-se claro que as utopias outrora alimentadas foram substituídas por uma sensação de desilusão. Onde antes havia esperança por um mundo mais justo e sustentável, agora se encontram desconfiança e desesperança. É urgente visitar

não apenas nossos sonhos, mas também as estruturas que moldam nossas aspirações e a possibilidade de realizá-las.

Os programas de pós-graduação desempenham um papel crucial na resposta a esses desafios, e a ausência de Osmar é sentida de forma aguda. Seu pensamento crítico e sua ética suave nos ajudavam a preparar uma nova geração para transformar potenciais distopias em futuros mais esperançosos, reafirmando o poder da educação e da pesquisa na construção de um mundo melhor. Sem ele, fica mais difícil.

Quando Osmar partiu, fizemos nossos lutos, como foi possível, cada um e cada uma à sua maneira. Mas o sentimento era de completa incredulidade. Tínhamos como certo o seu retorno.

Hoje, percebo que, de fato, ele nunca se foi.

No começo do ano, o enviei uma mensagem pelo *WhatsApp* contando de um sonho que tive com ele. Estávamos numa festa. Era numa casa enorme, iluminada, ventilada, a festa se espalhava por todos os cômodos, assim como os brinquedos. Era uma festa de criança.

Pela casa, eu encontrava brinquedos dos meus filhos e até brinquedos que tinham sido meus. Uma festa bem animada, as crianças entretidas em correr, brincar de pega pega, esfregar caramelo no sofá, pular nas poças de água e subir nas árvores.

Osmar leu a mensagem e me respondeu que coincidentemente havia ido alguns dias

antes ao Museu do Cândido Portinari e que, dentre as telas, lhe chamaram muita atenção as que tinham como tema a infância. A mensagem que ele me mandou era um áudio – os longos e saborosos áudios com que Osmar costumava responder as mensagens de *WhatsApp*. Sua voz estava mais forte e animada. Sua voz descrevendo o passeio a Brodowski atualizava sua presença.

No meu sonho, o Osmar era a única pessoa que eu conhecia naquela casa. Completamente integrado, ele fazia parte daquilo.

Quando eu soube da sua partida, entendi que ele era a própria casa, a festa, os brinquedos, as crianças, o riso, a luz clara e festiva de uma hora indefinida do dia, o vento fresco, as poças d'água e as árvores. Ele era o cheiro de pipoca misturado com bolo de chocolate, o caramelo pregado nas almofadas no sofá e o suor escorrendo pelas canelas dos meninos que se danavam alegremente naquela anarquia.

Essas coincidências espaço-temporais – a festa do meu sonho e a visita aos quadros infantis de Portinari –, estas estranhas sintonias que acontecem numa zona fronteira entre o sonho e a vigília, podem ser entendidas como o instante que cintila, que fulgura, que faísca, num momento de perigo, como dizia Walter Benjamin.

Fico pensando que cada um e cada uma de nós que conviveu com ele tem seus momentos de cintilância, momentos em que Osmar se faz presente. Os meus são, em sua maioria, ligados ao riso. O riso justo e necessário para tocar a vida. O riso que nos dá oportunidade de seguir em frente. Rindo, o meu amigo, brilha, lampeja e se faz presente pra mim.

“Relaxa, Gabi” – o Osmar dizia quando eu estava enfiada num pensamento triste ou preocupada com alguma coisa. E esse “relaxa, Gabi” me faz lembrar imediatamente de uma frase que sempre volta à minha cabeça e aos meus ouvidos que é “ei, menina,

fica assim não”. “Ei, menina, fica assim não” eu escuto na voz do Henrique, o Henrique Codato, que também gostava muito dos aniversários do Osmar.

Em *Miguilim*, João Guimarães Rosa diz que “Alegre era a gente viver devagarinho, miudinho, não se importando demais com coisa nenhuma” e em *Tutaméia*, lemos que “felicidade se acha é só em horinhas de descuido...” – era isso que Henrique e Osmar, cada um ao seu modo, me ensinavam. E quando um amigo vai embora, a gente tem que ter a lição aprendida.

Uma lição que nos diz que fazer parte da festa é acreditar no outro, apoiar o outro e se situar no presente. Osmar era/é uma das pessoas mais situadas no presente que conheço – e num mundo de tanto desamparo, egoísmo e fuga, abraçar o presente, filiar-se ao aqui e agora, corajosamente, é ato de grande generosidade. Viver no presente como uma forma de adesão à vida e ao sonho, porque o sonho,

por mais que nos projete para o futuro, acontece agora.

Essa generosidade inata ao Osmar, que estava sempre disponível para uma cachacinha, uma cerveja, para dividir um bom prato, enrolar um cigarrinho, pra mandar um longo áudio no *WhatsApp* ou para papear nos corredores do Benfica ou do ICA, faz dele um guardião dos sonhos. “O Osmar acreditava mais em mim do que eu mesma/o. Ele me convencia de que meu projeto valia a pena” – esta frase foi a frase que mais ouvi quando precisei entrar em contato com seus orientandos e suas orientandas. Osmar nos emprestava sua fé, uma fé muito legítima, e a gente acabava acreditando também.

Que a vida nos permita mais dessas *horinhas de descuido* que nos fazem presentes para que possamos ver, ouvir e sentir as imagens para além do que a pressa besta do viver nos habilita.

NOTA DOS ORGANIZADORES

Este livro foi organizado a partir das séries de fotografias que o próprio Osmar montou no site www.osmargoncalves.com.br, respeitando o seu recorte curatorial e o seu olhar para essas imagens. Os textos que antecedem cada série também são de autoria do próprio Osmar.

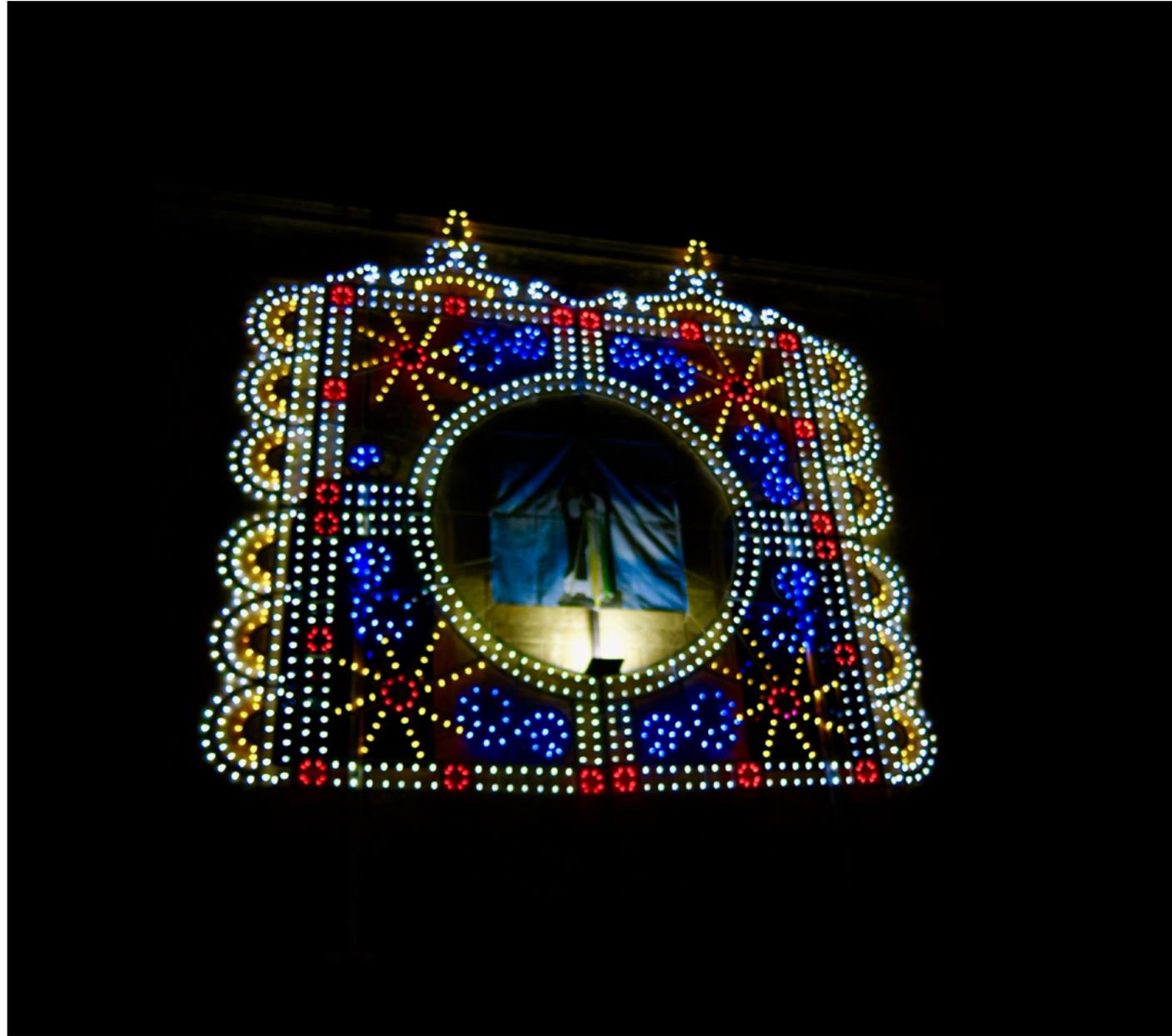


*//// NOITES
BRANCAS*

Uma embriaguez acomete aquele que perambula à noite pelas grandes cidades da América Latina. Ele sabe que está adentrando um labirinto, uma tessitura de sonhos, onde os tempos mais heterogêneos se chocam, onde a realidade é transpassada pela fantasia. Nessa série, as cidades latino-americanas aparecem como um lugar de fantasmagorias, um teatro de luz e sombras que nos dá a ver pequenos lampejos de beleza, pequenos momentos de encantamento que nos fazem acreditar no futuro. Em tempos sombrios, em tempos de chumbo, vislumbrar uma luz apesar de tudo, por mais frágil que seja. Em tempos de escuridão, entrever gestos de afeto que resistem ao medo e à dor. Lampejos que nos autorizem a sonhar, projetando novas formas de viver e de estar juntos.











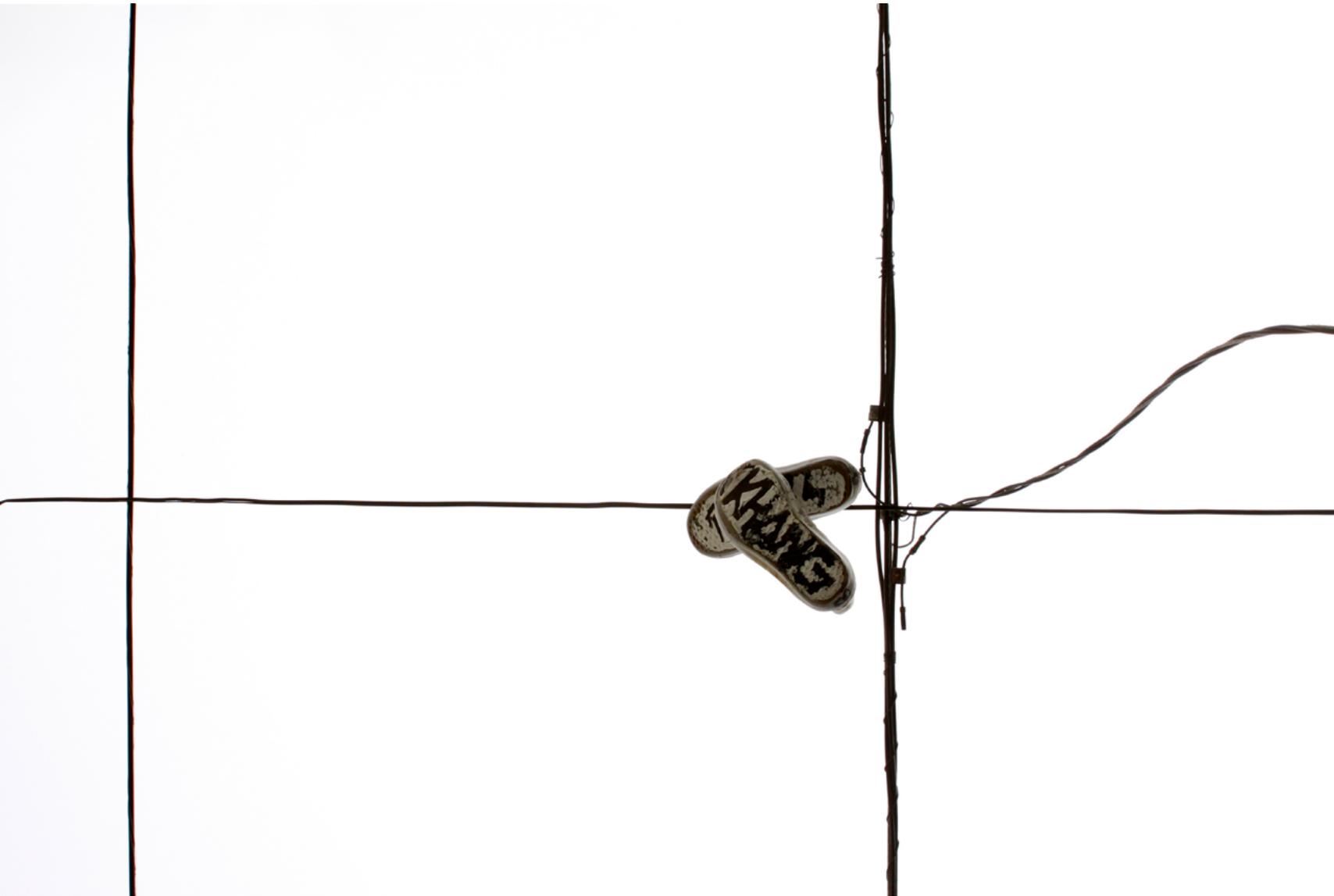
*FLYING
KICKS*

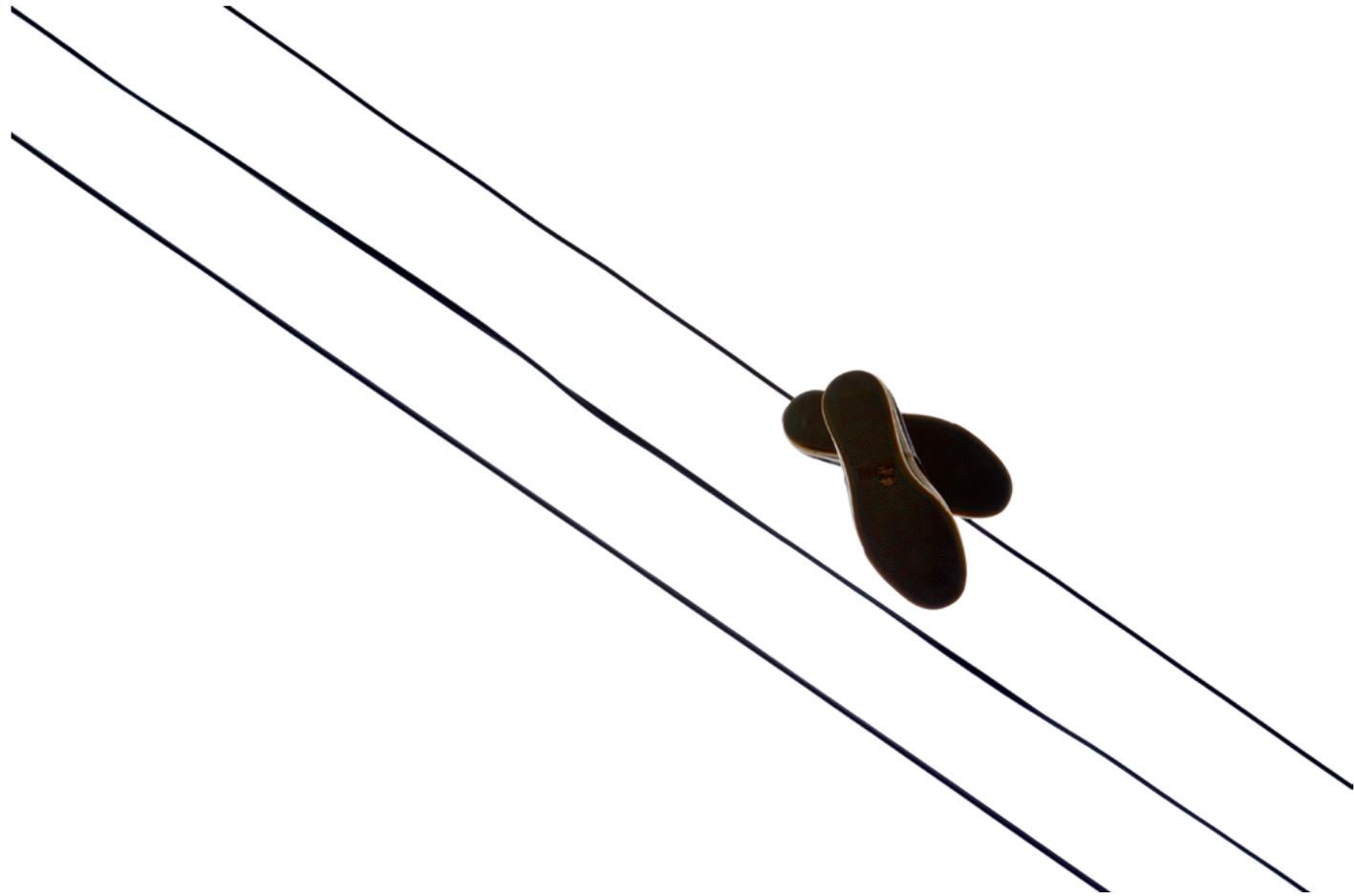
*“As coisas não querem mais ser vistas
por pessoas razoáveis. Elas desejam
ser olhadas de azul – que nem uma criança
que você olha de ave.”*

MANOEL DE BARROS

Nos EUA dos anos 1970, jovens da periferia começam a pendurar tênis nos fios de alta tensão como uma forma de demarcar território, de sinalizar os limites entre determinadas comunidades, gangues e facções. Um gesto político, portanto: um modo de apropriação e de controle do espaço. Mas, ao mesmo tempo, um gesto poético, uma maneira de reinventar, de transfigurar as cidades. Algo que foi feito inicialmente para estar no chão, aparece de repente flutuando no espaço, reinventando a paisagem, criando novas escrituras urbanas – uma espécie de grafite aéreo!

Nesta série, somos convidados a olhar pra cima e a prestar atenção em pequenos gestos, em detalhes mínimos. Sob o fundo branco composto pelas nuvens, um jogo de linhas e formas se destaca, fazendo emergir uma cidade plástica/gráfica, a poesia na superfície mesma do banal.



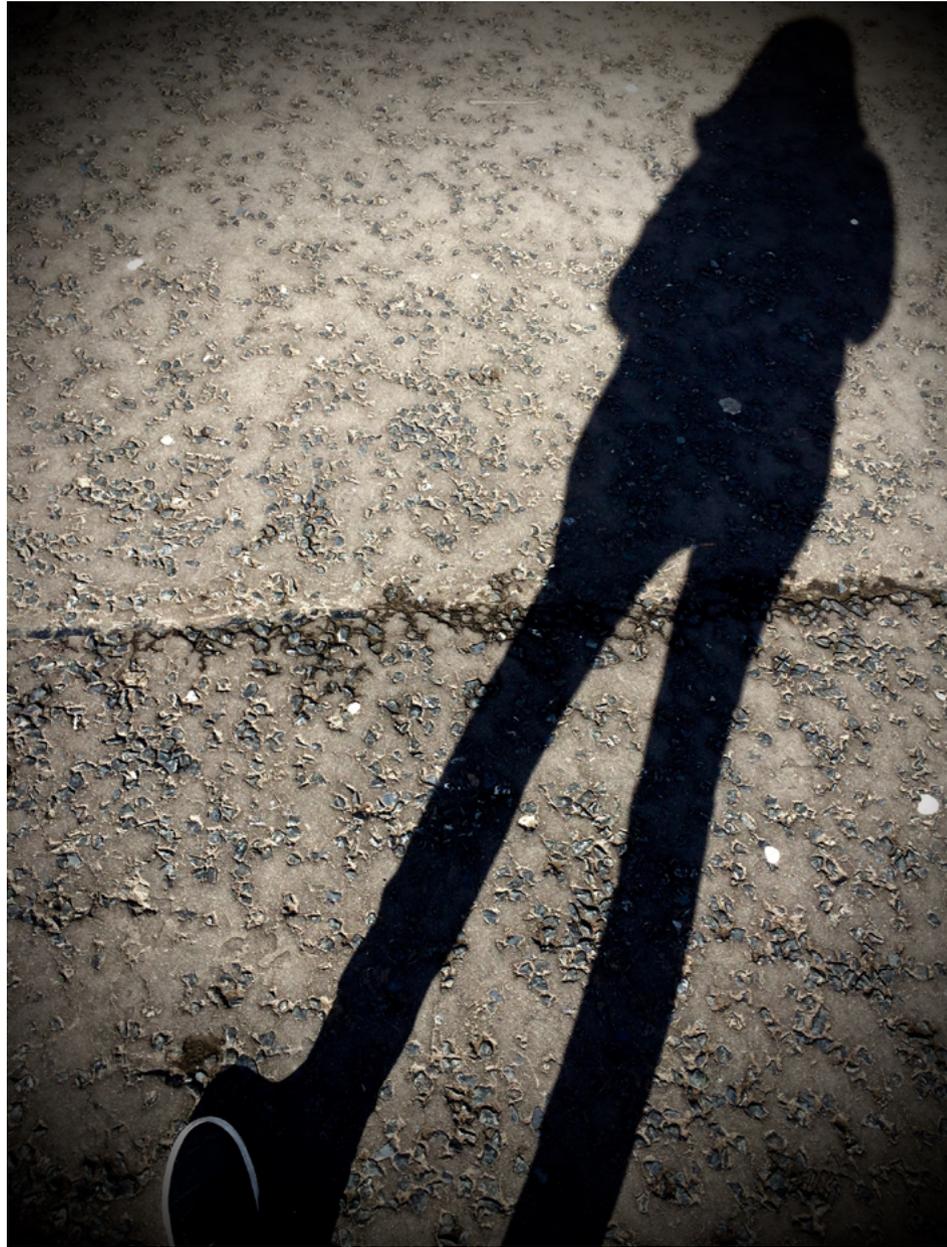






////// A FEBRE DAS SOMBRAS

O poeta João Cabral de Melo Neto viveu apenas alguns anos em Sevilha. O suficiente para imortalizar a cidade em matéria plástica, em forma de poesia. Este ensaio presta homenagem ao poeta-arquiteto e à capital andaluz. "Qual o segredo de Sevilha?", pergunta João Cabral. "Saber existir nos extremos como levando dentro a brasa que se reacende a qualquer tempo". Esse extremo, essa febre sem patologia, só se deixa apreender no jogo de luz e sombra, no contraste dilacerado das formas, que é a quintessência mesma de Sevilha. Essência da capital andaluz, mas também da fotografia. Pois ambas, se há de entender, são toda uma forma de ser: pedem menos a prosa que a poesia.







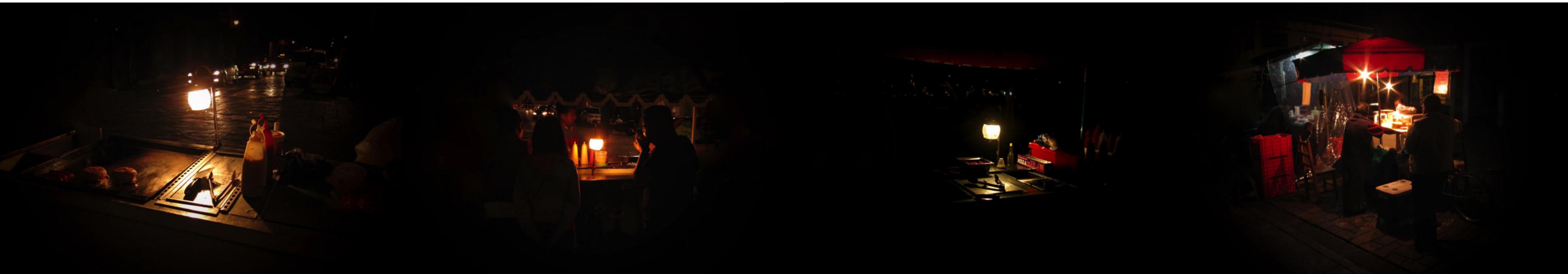
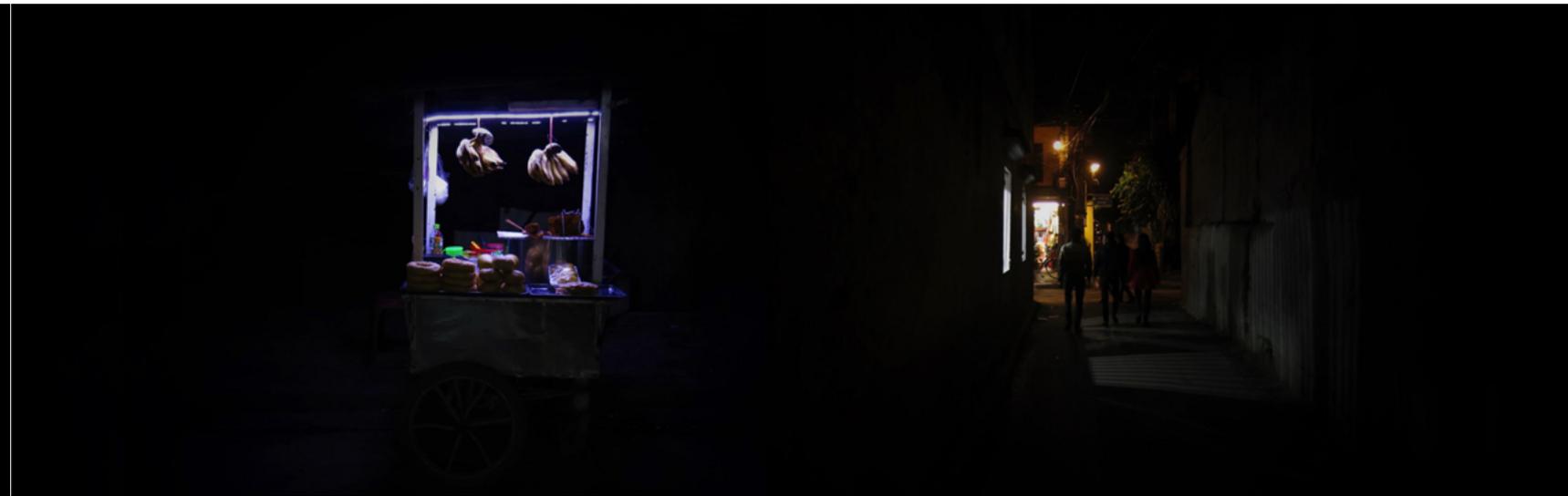


/// A SOBREVIVÊNCIA DOS VAGALUMES

Esta série surge de uma questão primordial: afinal, quais são os limites e as fronteiras dentro da cidade? Para quem ela vem sendo pensada e construída hoje? Desde 2014, tenho viajado por diversas cidades da América Latina fotografando as ruas à noite e, em cada uma delas, me surpreendo com o grande número de ambulantes povoando as praças, ocupando as calçadas, disputando cada centímetro vago nas esquinas.

Envolto na penumbra, eles emergem como vagalumes, como pequenos seres luminescentes, erráticos que, por meio de seus gestos nômades, afirmam outros modos de compreensão da cidade, outras formas de viver e praticar o espaço urbano.

É que diante dos projetos de urbanização atuais, marcados pela gentrificação, pela assepsia e espetacularização dos espaços, os ambulantes surgem como forças de resistência, como pequenas insurgências a nos oferecer um tipo de experiência desviante – experiências que desorganizam as fronteiras, que subvertem as linhas demarcatórias do espaço urbano, reafirmando usos mais lentos e coletivos da cidade.







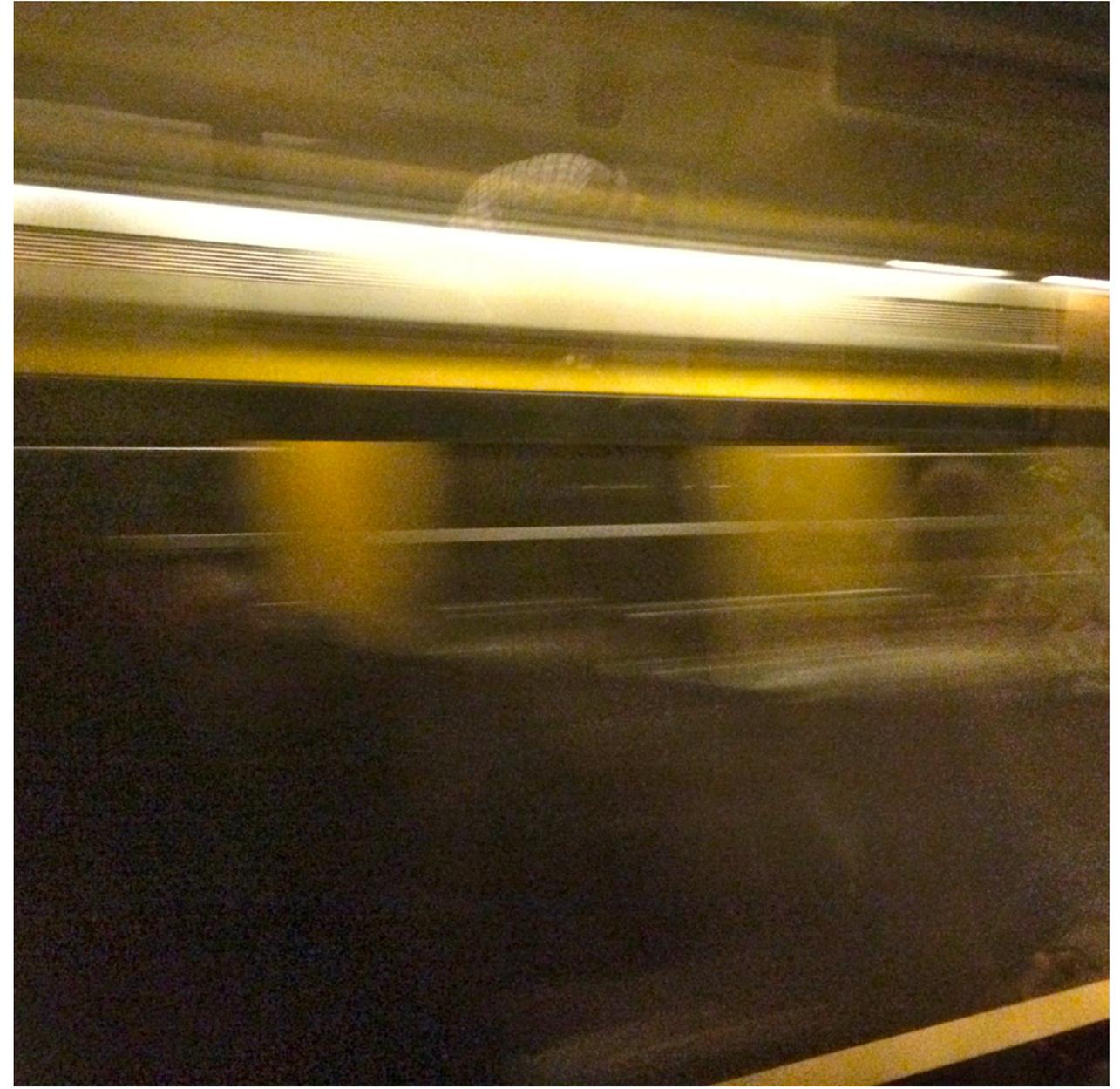




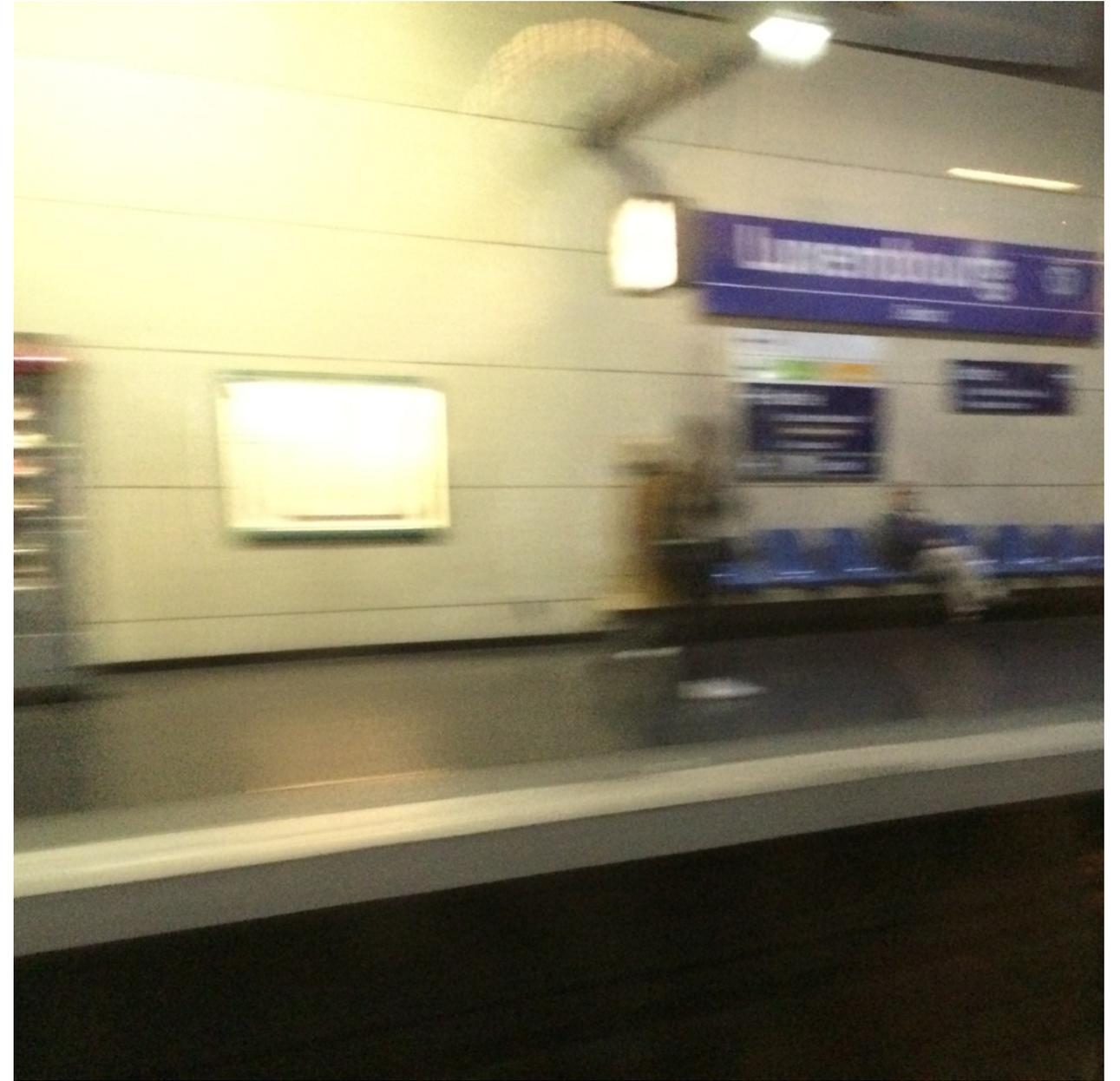
EM TRÂNSITO

Uma embriaguez acomete aquele que se desloca diariamente pelos subterrâneos das grandes cidades. Seja em São Paulo, Buenos Aires ou Berlim, no metrô o pensamento acelera, abre-se ao delírio, precipita-nos no vértice do tempo e da memória. Colado na janela, o olhar desperta uma série de correspondências, associações insuspeitas entre o real e o imaginário.

Lugar de passagens, o metrô opera um deslocamento que é tanto físico quanto mental. Nele, somos convidados ao devaneio, jogados numa espécie de embriaguez anamnésica que beira muitas vezes a vertigem. Desde 2016, tenho fotografado passageiros em trânsito nos metrôs, tentando capturar essas deambulações oníricas – dar forma visual a suas fantasias, extravagâncias, seus choques perceptivos.













INSONES

adjetivo e substantivo de dois gêneros

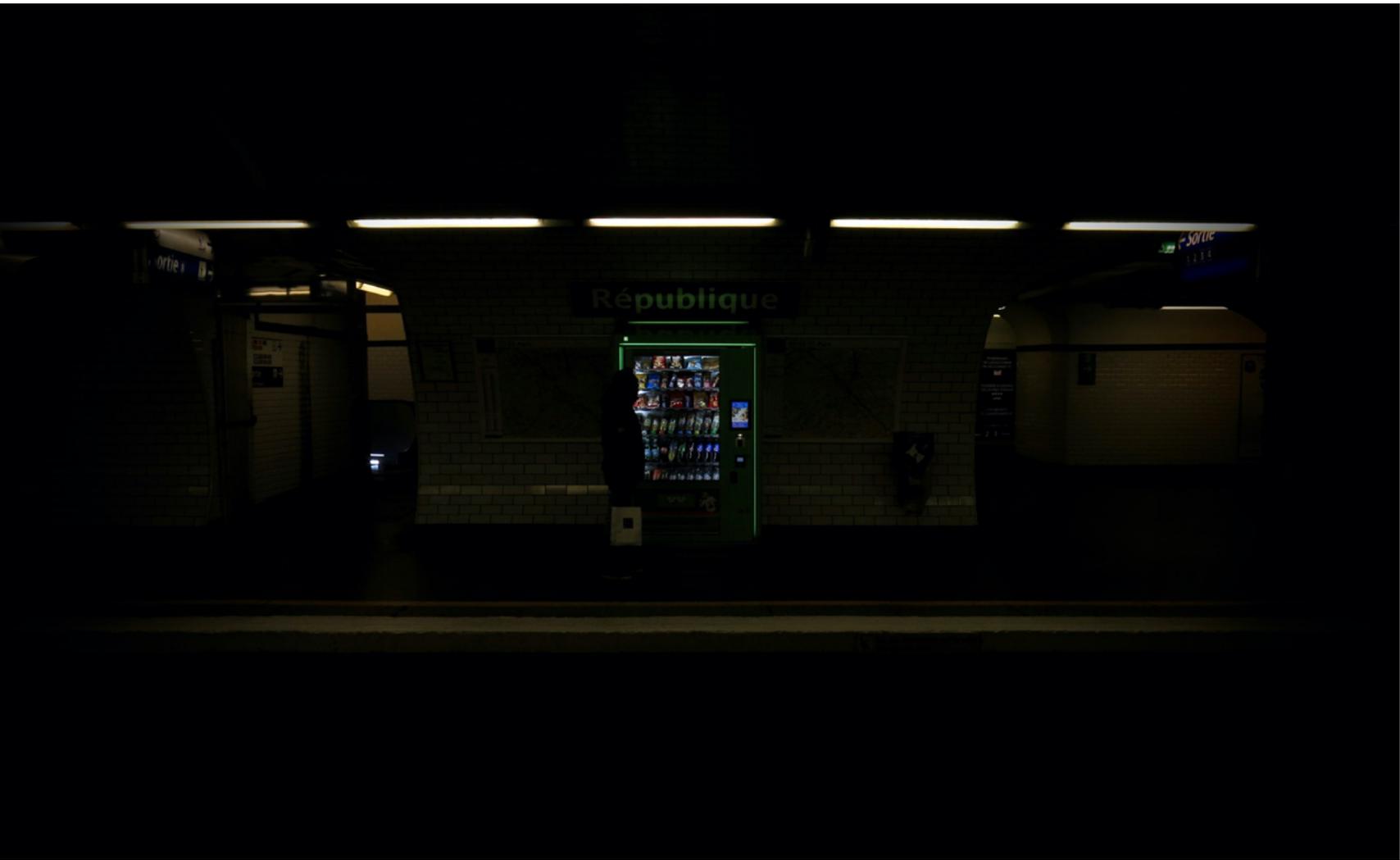
1. aquele que tem insônia, que não dorme;

2. passado em claro, sem dormir;

Insones retrata aqueles que perderam o sono, que não conseguem adormecer, mas nem por isso ficam enclausurados em casa. Eles preferem antes se aventurar pela cidade, perambular por suas ruas à espera, quem sabe, de um acaso, um encontro fortuito, inesperado. Apesar do cansaço, se jogam no espetáculo noturno das imagens, no jogo de luz e sombra que constitui as metrópoles. Encantos e desencontros os espreitam em cada esquina! Como príncipes das ruas, os insones saem de casa para fazer da cidade adormecida não apenas um lugar de passagem (local de travessia), mas sua morada – um espaço híbrido, a meio caminho entre o aconchego do lar e o que há de imponderável nas ruas.











*CHUVA
E VENTO*

Há muita coisa ao nosso redor que habita uma espécie de limbo das atenções, toda uma vida que pulsa na superfície das coisas, nos pequenos gestos, no ínfimo. Nessa série, produzida a partir da janela do carro, o espetáculo do tempo se revela numa coreografia de linhas e cores, em microdramas da forma. Sobre a superfície do vidro, a paisagem parece perder sua consistência material, diluindo-se num jogo de luz e sombras abstratas. Um mundo imprevisível emerge, então, dessas imagens sem profundidade. As gotas de chuva transformam a natureza em traço espectral e convidam o espectador a distender seu olhar, a se perder na imagem, contemplando paisagens sutis e transitórias. Uma sutileza de afetos inscritos nos pequenos detalhes, na pele das coisas. Uma poesia do nada. Uma aposta no acaso, no encantamento do mundo pelas grandezas do ínfimo.











Osmar Gonçalves

Fotógrafo, professor e pesquisador paulista, reside há 14 anos no Ceará. É ganhador do PrixPhoto Aliança Francesa (2019), do Prêmio FUNARTE de Produção em Artes Visuais (2013), do Fulbright Visiting Scholar Program (2022) e do Universal CNPq (2016).

Participou das exposições: Mutierte Bilder (2009), Encontros de Agosto (2016), Festival Verbo Ver (2018), Fotofestival Solar (2018), Fotosururu (2019), Círculo da Imagem (2021), Maré Fotofestival (2021), Painel da Fotografia Cearense (2021), Festival de Fotografia de Tiradentes (2021) e Rotterdam Photo (2022).

Pós-doutor em Cinema e Arte Contemporânea pela Universidade Sorbonne-Nouvelle (Paris 3), doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), é professor da Universidade Federal do Ceará (UFC), atuando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM-UFC).

Foi diretor científico da Compós (Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação), diretor da Socine (Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual) e é líder do IMAGO – Laboratório de Estudos de Estética e Imagem. Foi curador da exposição fotográfica *Novos Olhares na Fotografia Contemporânea* (CCBNB, 2016) e fez parte da comissão de seleção de projetos do XII Edital Ceará Cinema e Vídeo da Secult (2015).

Publicou os livros: *Narrativas Sensoriais: ensaios sobre cinema e arte contemporânea* (Circuito, 2014) e, junto com Susana Dobal, *Fotografia Contemporânea: fronteiras e transgressões* (Casa das Musas, 2013).

/// EDUCAÇÃO

2015 Pós-doutorado em Cinema e Arte Contemporânea – Université Sorbonne-Nouvelle (Paris 3)

2010 Doutorado em Comunicação e Linguagens – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

2003 Mestrado em Comunicação e Linguagens – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

2022 Professor visitante na New York University (NYU) – com bolsa Fulbright.

2009 Estágio de doutorado na Bauhaus-Universität – financiado pelo DAAD/Capes.

/// PRÊMIOS

2022 Fulbright Visiting Scholar Program

2019 PrixPhoto Alliance Française – Melhor ensaio fotográfico *The survival of fireflies*

2019 Festival Fotosururu – Menção Honrosa na categoria ensaio fotográfico.

2016 Edital Universal CNPq – projeto *Do visível ao inapresentável: apontamentos sobre a fotografia latino-americana contemporânea*

2015 Edital Funcap – projeto *Novos olhares na fotografia contemporânea*

2014 Prêmio FUNARTE de Produção em Artes Visuais

/// PRINCIPAIS EXPOSIÇÕES

2009 Mutierte Bilder

2016 Encontros de Agosto

2018 Festival Verbo Ver

2018 Fotofestival Solar

2019 Fotosururu

2021 Círculo da Imagem

2021 Maré Fotofestival

2021 Painel da Fotografia Cearense

2021 Festival de Fotografia de Tiradentes

2022 Rotterdam Photo

/// LIVROS PUBLICADOS

1 *Teorias da Imagem: sobre o fotográfico* (com Silas de Paula e Patrícia Veloso, Terra da Luz, Editorial, 2020).

2 *Narrativas sensoriais: ensaios sobre cinema e arte contemporânea* (Circuito, 2014).

3 *Fotografia Contemporânea: Fronteiras e Transgressões* (com Susana Dobal, Casa das Musas, 2013).

/// ARTIGOS PUBLICADOS

1 Reis Filho, O; Ciquini, F. (2021). *Desmistificações da fotografia: Machado, Wolf e o editor-fotógrafo*. Significação, v. 48, p.113-132.

- 2 Reis Filho, O.; Morais, I. (2019). *Encenação em fotografia – montando cenas e contando histórias*. Galáxia, v. 40, p.85-100.
- 3 Reis Filho, O.; Reinaldo, G. (2019) *Warburg e Benjamin: inacabamento e montagem como métodos de conhecimento*. E-compós, v. 22, p.1-20.
- 4 Reis Filho, O. (2017). *Imagens insurgentes: notas sobre a fotografia urbana no Ceará*. Discursos Fotográficos, v. 13, p. 107.
- 5 Reis Filho, O. (2016). *Fotografia e experiência urbana: notas sobre a poética do caos em Eustáquio Neves*. Líbero, v. 37, p. 61-70
- 6 Reis Filho, O.; Morais, I. (2016). *Auto-retrato: a fotografia em performance*. Fronteiras, v. 18, p. 3-13.
- 7 Reis Filho, O. (2013). *Estética da Fotografia: um diálogo entre Benjamin e Flusser*. Flusser Studies, v. 15, p. 100-113.
- 8 Reis Filho, O.; Vasconcelos, L. (2012). *Da Porta para Dentro: Nan Goldin, Cia de Foto e a poética da intimidade na fotografia contemporânea*. Em Questão (UFRGS), v. 18, p. 100.
- 9 Reis Filho, O. (2012). *Reconfigurações do olhar: hápticas na cultura visual contemporânea*. Visualidades, v. 10, p. 100-115.
- 10 Reis Filho, O. (2011). *Poderes do vazio: videoarte entre o nihilismo e a transfiguração*. Galáxia, v.11, p. 102-111.
- 11 Reis Filho, O. (2007). *Desconstrução, opacidade e desmemória: a reinvenção da fotografia na prática contemporânea*. Significação, v. 27, p. 89-100.

/// CAPÍTULOS DE LIVROS

- 1 Reis Filho, O. (2020). O que a arte pode fazer quando reina a escuridão? Duas ou três coisas sobre Khôra, de Maíra Ortins. In: Silas de Paula (Orgs.) *Maíra Ortins: um lugar imaginado*. Fortaleza: Expressão, 2020.
- 2 Reis Filho, O. (2019). Cinema (ao vivo): a montagem disjuntiva e a explosão de sentidos na prática dos VJs. In: Philippe Dubois et al. (Org.). *Pós-fotografia, Pós-cinema: novas configurações das imagens*. São Paulo: Edições Sesc, p. 85-100.
- 3 Reis Filho, O. (2019). O que a fotografia pode fazer hoje? Notas sobre experimentação e lúdico nas obras de Rosângela Rennó e Alexandre Sequeira. In: Ângela Marques; Frederico Vieira (Org.). *Imagens e Alteridades*. Belo Horizonte: UFMG, p. 107-120.
- 4 Reis Filho, O. (2016). A encenação no retrato fotográfico: do “isto foi” ao “isto foi encenado”. In: Antônio Fatorelli; VÍctá Carvalho; Leandro Pimentel (Org.). *Fotografia Contemporânea: desafios e tendências*. Rio de Janeiro: Mauad, p. 145-162.
- 5 Reis Filho, O. (2013). Distorcer a câmera, virtualizar a Imagem: o lúdico na fotografia contemporânea. In: Osmar Gonçalves dos Reis Filho; Susana Dobal. (Org.). *Fotografia Contemporânea: Fronteiras e Transgressões*. Brasília: Casa das Musas, 2013, p. 57-74.

Agradecimentos

a Osmar Gonçalves por ter compartilhado seu encantamento pelas coisas do mundo através de imagens e textos.

a Nicole Duarte por disponibilizar para publicação as fotografias e os textos de Osmar contidos neste livro.

à Diretoria da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (Socine) por abraçar este projeto-homenagem.

a todas e todos que contribuíram para que este livro alcançasse o mundo.

SOCINE

DIRETORIA

PRESIDENTE
Mariana Baltar (UFF)

VICE-PRESIDENTE
Alessandra Brandão (UFSC)

SECRETÁRIA ACADÊMICA
Catarina Andrade (UFPE)

TESOUREIRA
Carla Rabelo (UNILA)

CONSELHO DELIBERATIVO

Adil Giovanni Lepri (UFBA)

Ana Maria Acker (ULBRA)

Cíntia Langie (UFPEL)

Diego Paleólogo Assunção (UERJ)

Fábio Allan Mendes Ramalho (UNILA)

Felipe Corrêa Bomfim (UFMS)

Geórgia Cynara Coelho de Souza (UFG)

Iomana Rocha de Araújo Silva (UFPE)

Marcela Soalheiro (ESPM-Rio)

Nina Velasco e Cruz (UFPE)

Pedro Maciel Guimarães Júnior (UNICAMP)

Pedro Peixoto Curi (ESPM-Rio)

Pedro Plaza Pinto (UFPR)

Rafael de Luna Freire (UFF)

Rogério Ferraraz (UAM)

CONSELHO FISCAL

Luíza Beatriz Amorim Melo Alvim (USP)

Marcel Vieira Barreto Silva (UFPB)

Thalita Cruz Bastos (UVA)

REPRESENTANTES DISCENTES

Bruno Mesquita Malta de Alencar (UFPE)

Gabriel Philippini Ferreira Borges da Silva
(UNESPAR)

Kamilla Medeiros do Nascimento (UFRJ)

Luiz Fernando Wlian (UNESP)

Yanara Cavalcanti Galvão (UFF)

COMITÊ CIENTÍFICO

Alex Ferreira Damasceno (UFPA)

Cristian Borges (USP)

Izabel de Fátima Cruz Melo (UNEB)

Janaína Oliveira (IFRJ)

Ramayana Lira (Unisul)

Roberta Veiga (UFMG)

SECRETÁRIO

Sancler Ebert (UFF)

FOTOLIVRO OSMAR GONÇALVES

ORGANIZAÇÃO

Catarina Andrade

Marcel Vieira

Nina Velasco

TEXTOS

Antonio Fatorelli

Catarina Andrade

Gabriela Reinaldo

Marcel Vieira

Nina Velasco

Osmar Gonçalves

Silas de Paula

Suzana Dobal

EDIÇÃO E REVISÃO

DE TEXTO

Catarina Andrade

Marcel Vieira

Nina Velasco

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Catarina Andrade

Marcel Vieira

Nina Velasco

PROJETO GRÁFICO

Gabriela Araujo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Osmar Gonçalves [livro eletrônico] : o encantamento
do mundo pelas grandezas do ínfimo / (orgs.)
Catarina Andrade, Marcel Vieira, Nina Velasco.
– 1. ed. – São Paulo: Sociedade Brasileira
de Estudos de Cinema Audiovisual – SOCINE, 2024.
PDF

ISBN 978-65-86495-08-9

1. Fotografias 2. Fotolivros 3. Homenagem
I. Andrade, Catarina. II. Vieira, Marcel. III. Velasco, Nina.

24-231953

CDD 779.9

Bibliotecária Responsável: Aline Grazielle Benitez – CRB-1/3129

Índice para catálogo sistemático:

1. Fotografias 779.9

Este fotolivro foi produzido entre agosto e outubro
de 2024. As fontes utilizadas foram: *Adelle Sans*,
desenvolvida por José Scaglione e Veronika Burian
e comissionada pela TypeTogether; e *Big Shoulders
Display*, projetada por Patric King e disponibilizada
pelo Google Fonts.

